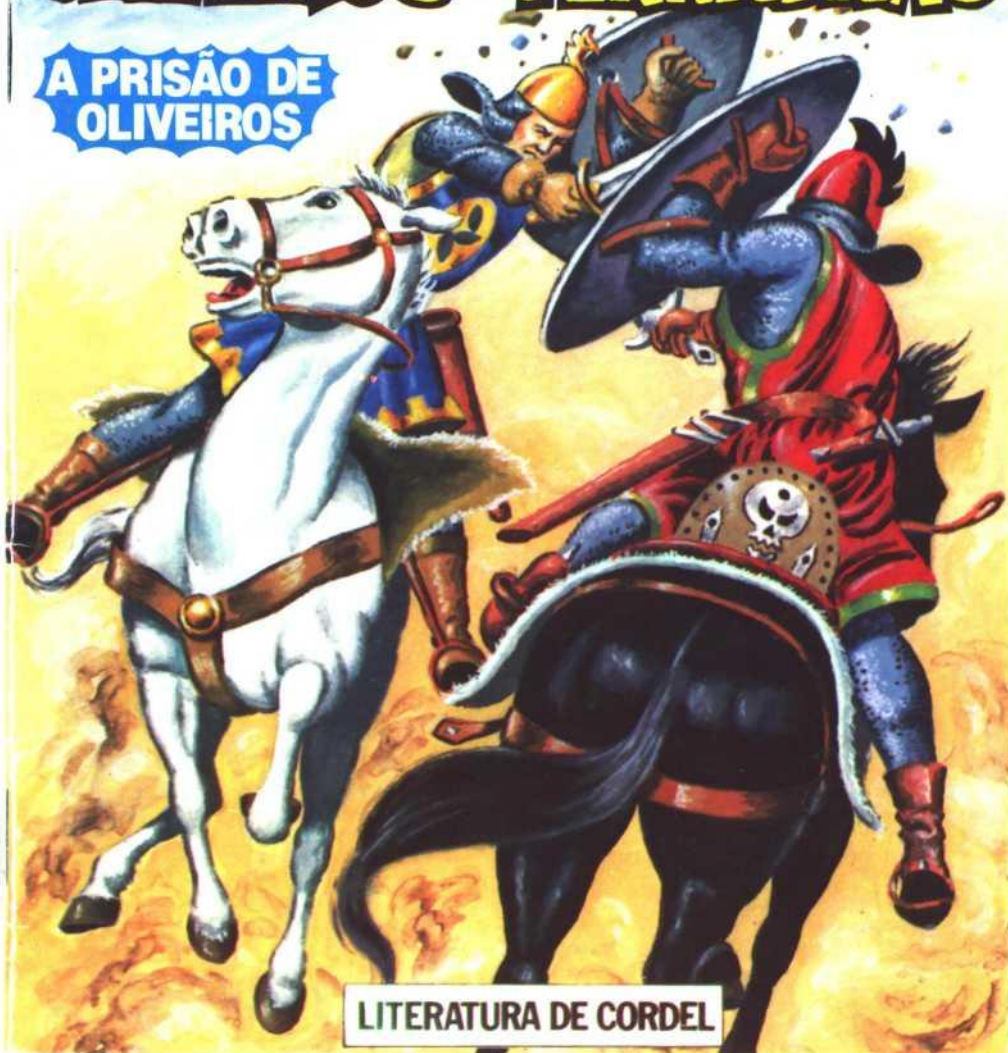


LEANDRO GOMES DE BARROS

A BATALHA DE

OLIVEIROS Com FERRABRAS

A PRISÃO DE
OLIVEIROS



LITERATURA DE CORDEL

Comprado em Brasília (Brasil) em 1995

COLEÇÃO LUZEIRO
LITERATURA DE CORDEL
LEANDRO GOMES DE BARROS

A BATALHA DE OLIVEIROS
COM FERRABRÁS

A PRISÃO DE OLIVEIROS
E SEUS COMPANHEIROS

(EXTRAÍDAS DO LIVRO DE CARLOS MAGNO)

Direção de
ARLINDO PINTO DE SOUZA

Texto revisto e classificado por
HÉLIO CAVENAGHI

Direitos adquiridos e registrados de acordo
com a lei na Biblioteca Nacional



Rua Almirante Barroso, 730
Telefone: 292-3188 - CEP 03025 - São Paulo
CGC. 43.826.643/0001-00
Inscr. Estadual 109.085.107

Editora Luzeiro Limitada

FICHA

NOME — A BATALHA DE OLIVEIROS COM FERRABRÁS
e A PRISÃO DE OLIVEIROS E SEUS COMPANHEIROS
(Extraídas do Livro de Carlos Magno)

TEMA — Bravura

AUTOR — Leandro Gomes de Barros

LOCAL — Sem indicação — DATA — 1913

ESTROFES — A Batalha de Oliveiros com Ferrabrás, 101 — A
Prisão de Oliveiros, 137 — todas de dez versos de sete
sílabas (martelos)

ESQUEMA DE RIMAS — a b b a a c c d d c

OBSERVAÇÃO — As letras repetidas indicam os versos que
rimam entre si.

FINAIS — Estrofes normais.

BIOGRAFIA DO AUTOR — LEANDRO GOMES DE BARROS nasceu no Município de Pombal, Estado da Paraíba, em 1868. Aos 16 anos, transferiu-se para Pernambuco, onde morou nas cidades de Vitória, Jaboatão e Recife. Começou a escrever a partir de 1889 e sempre viveu unicamente do que lhe rendiam suas histórias **versadas**. Compôs cerca de mil folhetos de versos populares — LITERATURA DE CORDEL — dos quais tirou mais de dez mil edições. Morreu aos 4 de março de 1918, mas suas obras continuaram até hoje sendo impressas e muito procuradas. Foi o maior poeta popular do gênero e abordou todos os tipos de temas — consideram-no o **primeiro sem segundo**.

O nome **literatura de cordel** provém de Portugal e data do século XVII. Esse nome deve-se ao **cordel** ou barbante em que os folhetos ficavam pendurados, em exposição. No Nordeste brasileiro mantiveram-se o costume e o nome, e os folhetos são expostos à venda pendurados e presos por pregadores de roupa, em barbantes esticados entre duas estacas fixadas em caixotes.

A BATALHA DE OLIVEIROS COM FERRABRÁS

Eram doze cavalheiros,
Homens muito valorosos,
Destemidos e animosos
Entre todos os guerreiros,
Como bem fosse Oliveiros,
Um dos Pares de fiança,
Que sua perseverança
Venceu todos os infiéis —
Eram uns leões cruéis
Os Doze Pares de França!

Todos eram conhecidos
Pelos **Leões da Igreja**,
Pois nunca foram a peleja
Que nela fossem vencidos.
Eram por turcos temidos,
Pela Igreja estimados,
Porque, quando estavam armados,
Suas espadas luziam
E os inimigos diziam:
— Esses são endiabrados!

Tinha o duque de Nemé,
Que era uma espada medonha,
O grande Guy de Borgonha,
Geraldo de Monde Fé —
Carlos Magno tinha fé
Em todos os cavalheiros,
Pois, entre todos guerreiros
De que nos trata a História,
Vê-se sempre a vitória
De Roldão e Oliveiros.

O almirante Balão
Tinha um filho, Ferrabrás,
Que, entre os turcos, era mais
Quem tinha disposição.
Mesmo em nobreza e ação,
Era o maior que havia —
Então, em toda a Turquia,
Onde se ouvia falar,
Tudo havia respeitar
Ferrabrás de Alexandria!

Foi Ferrabrás procurar —
Saiu com uma grande tropa,
Ver se achava na Europa
Um rei para pelejar.
Pegou logo a exclamar,
Com mais precipitação,
Fazendo uma exclamação,
Insultando os cavalheiros,
Falando contra Oliveiros,
Fazendo acinte a Roldão.

Quando Ferrabrás chegou
Nos campos de Mormionda,
Só um trovão, quando estronda,
Troa como ele troou.
Em altas vozes gritou,
Apoiado em uma lança,
Como uma fera que avança,
Precipitada em furor.
Dizia: — Ó Imperador!
Cadê teus Pares de França?

Estás poupando teus guerreiros,
Que nem um vem pelejar?
Para que queres guardar
Esses doze cavalheiros?
Ouço dizer que Oliveiros
Tem tanta disposição —
É própria a ocasião!
Se não tem dó dos guerreiros,
De uma vez mande Oliveiros,
Guy de Borgonha e Roldão!

Ninguém aí respondeu
E Ferrabrás se apeou,
Numa sombra se sentou,
Em altas vozes rompeu:
— Carlos Magno se escondeu
Ou está hoje sem ação?
Os Pares onde é que estão?
Não ouço nem um falar!
Já não posso acreditar
Nas façanhas de Roldão!

Sairei daqui dizendo:
Carlos Magno se escondeu!
Roldão não me apareceu —
Talvez ficasse tremendo!
Estou só como estás vendo,
Eles são doze guerreiros —
Como doze cavalheiros
Não dão batalha a um só?
Por que não vem uma mó,
Roldão, Ricarte, Oliveiros?

Sozinho nesta campanha,
Contra um exército francês,
Se matá-lo de uma vez,
Não digo que isto é façanha —
Um exército não me ganha,
Ainda mesmo doente!
Como é que existe gente
Que se atreve a exaltar
E pelo mundo espalhar
Que Carlos Magno é valente?

Carlos Magno perguntou
Quem tanto o insultava,
Quem tão rebelde falava.
Ricarte aí lhe explicou;
Lhe disse: — Esse que chegou

É um grande da Turquia,
Turco de muita energia!
Impera sobre o seu trono —
É o legítimo dono
Do reino de Alexandria!

Aquele foi quem entrou
Dentro de Jerusalém,
Não respeitando ninguém —
Até apóstolo matou!
No templo sagrado achou
Bálsamo que Deus foi ungido,
Coisas que tinham servido
Na paixão do Redentor,
A coroa do Senhor —
Tudo ele tem conduzido!

Carlos Magno observou
Que nem um se ofereceu.
Logo aí entristeceu,
Chamou Roldão e o mandou.
Disse Roldão: — Eu não vou,
Nem eu, nem meus companheiros!
Nos combates derradeiros,
Nós esgotamos os valores —
Quem foram mercedores,
Foram os velhos cavalheiros!

Nesta última batalha,
Sangüinolenta e tirana,
Minha espada Durindana
Não mostrou uma só falha —
Daquela bruta canalha
Arrebatei a vitória!
Me ficarão na memória
Aqueles grandes perigos —
Aos cavalheiros antigos,
Foi a quem destes a glória!

Carlos Magno, quando ouviu
A resposta de Roldão,
Se encheu de tanta paixão,
Que um ferro lhe sacudiu.
Roldão, quando olhou, que viu
O sangue dele descer,
Não pôde mais se conter —
Se armou com tal furor,
Que não foi ao imperador
Por Ricarte se intervir.

Carlos Magno ordenou
 Que os Pares o pegassem,
 Depois de preso o matassem.
 Roldão de novo se armou,
 Pela espada puxou
 E disse em alta linguagem —
 Com desmedida coragem,
 Falou a todos assim:
 — Qualquer que tocar em mim,
 Diga que está de viagem!

Tudo ali ficou calado,
 Não falou um cavaleiro:
 Roldão era um companheiro
 Dentre todos mais amado.
 De mais, era respeitado
 Pela nobreza e ação,
 Tinha um leal coração
 Para com seus companheiros
 E mesmo, dos cavaleiros,
 Era ele o capitão.

Carlos Magno ficou
 Certo de que ninguém ia —
 Disse que mesmo queria
 Ver quem o desafiou.
 Quando a notícia chegou
 Aos ouvidos de Oliveiros,
 Que soube que os cavaleiros
 Não tinham lhe obedecido,
 Ficou bastante sentido
 Desta ação dos companheiros.

Ordenou ao escudeiro
 O cavalo lhe selar
 E mandou logo aprontar
 Arreios de cavaleiro.
 E gritou: — Ande ligeiro!
 Me ajude logo armar!
 Pode o turco se gabar:
Matei um dos cavaleiros!
 Porém não diz: **Oliveiros**
Temeu comigo lutar!

Assim que Guarim sentiu
 Seu senhor falar em guerra,
 Pôs os joelhos em terra,
 Até por Deus lhe pediu,
 Porque imaginou e viu

Que ele não estava capaz,
 Porque já era demais
 O sangue que lhe saía —
 Por isso, por Deus, pedia
 Que não fosse a Ferrabrás.

— Guarim, podes descansar!
 Oliveiros respondeu.
 Um soldado como eu
 Não deixa seu rei chorar!
 O turco há de acreditar
 Que mil feras não me comem —
 Minhas façanhas se somem,
 Mas, enquanto eu não morrer,
 Ferrabrás há de dizer:
Em França encontrei um homem!

Quando do leito se ergueu,
 Pôs uma perna estendida;
 Logo aí, de uma ferida,
 Porção de sangue desceu.
 O escudeiro tremeu,
 Assim que o sangue estancou
 E ele não se importou —
 Com quem estivesse são,
 Fincou a lança no chão
 E de um pulo montou.

E foi ao imperador.
 Com a maior reverência,
 Disse com obediência:
 — Esclarecido senhor,
 Eu não sou merecedor
 Que coisa alguma me dê!
 Por isso, senhor, bem vê
 Que valor tem seu cativo —
 Por dez anos que lhe sirvo,
 Vim pedir-lhe uma mercê!

Disse-lhe o imperador:
 — Pode, Oliveiros, dizer —
 Eu juro o satisfazer,
 Seja que pedido for!
 Disse Oliveiros: — Senhor,
 Não quero coisa demais
 E não serei tão capaz,
 Para tanto lhe pedir —
 Porém o que quero é ir
 Dar batalha a Ferrabrás!

Carlos Magno quis faltar,
Devido ao seu mau estado,
Porém, já tinha ordenado,
Não podia revogar.
Viu Oliveiros montar
E muito sangue sair —
Rogou-lhe para não ir.
Disse Oliveiros: — Irei!
Desfeito do meu rei,
Do que me serve existir?

Não posso aqui declarar
O que era de mister —
Como ficou Regener,
Vendo Oliveiros montar!
Ficou a se lastimar,
Vendo os outros cavalheiros.
Ele, com mil desesperos,
Prostrado em terra se lança:
Perdeu a última esperança
De ver seu filho Oliveiros!

Ferrabrás estava deitado,
Sentiu chegar Oliveiros;
Foi ver se eram os cavalheiros
A quem já tinha insultado.
Depois de ter bem olhado,
Cresceu-lhe mais o furor —
Com desprezo aterrorador
E raiva dos cavalheiros,
Perguntou a Oliveiros:
— Que fizeste a teu senhor?

— Levante-se, cavalheiro!
Prepare a arma, se apronte,
Pegue o cavalo, se monte,
Trate de ser bom guerreiro!
Ponha seu corpo ligeiro,
Veja, não dê uma falha:
A morte entre nós se espalha,
A hora de um é chegada!
Lance mão de sua espada —
Vamos entrar em batalha!

— Quem és tu, tão pequenino,
Que vens me desafiar?
Achas que vou me ocupar
Em dar batalha a menino?
És louco, ou não tens tino!

Disse o outro com furor.
Seja por qual forma for,
Me diga agora, confesse:
O que foi que tu fizesse
Contra o teu imperador?

Disse Oliveiros, zangado:
— Venha pelejar comigo!
Perante seu inimigo,
É ser vil pôr-se deitado!
Devia ser delicado
(Lhe refletiu Oliveiros)
Na Ordem dos Cavalheiros,
Encontra-se a educação —
Pois isso não é ação
Vinda dos grandes guerreiros!

O turco disse, afinal:
— Oh, cavalheiro, lhe digo:
Só pode lutar comigo,
Se for de sangue real —
Porque, se não for igual,
Recusarei a empresa!
Falo com toda a franqueza!
Então, Oliveiros disse:
— Pode crer como que visse —
Minha origem é de nobreza!

Ferrabrás lhe esclareceu:
— Teu nome hás de dizer!
— Primeiro, eu hei de saber,
Disse Oliveiros, do teu!
Disse Ferrabrás: — O meu
O direi sem mais porfia,
Pois minha soberania
Não exige coisas tais —
Eu me chamo Ferrabrás,
Sou o rei de Alexandria!

— Eu sou Guarim de Lorenda!
Oliveiros respondeu.
Hoje foi que sucedeu
Dar a primeira contenda
E lhe digo que se renda,
Que o levarei com amor!
Fique sabendo o senhor
Que não me pode escapar —
Hoje tenho de o levar
Para o meu imperador!

O turco disse-lhe assim:
 — Teu rei é muito malvado,
 Pois pega um pobre soldado,
 Sem causa quer dar-lhe um fim!
 Porque, em tu vires a mim,
 É ser muito louco ou bobo —
 É como fazer um roubo
 A quem não possui dinheiro!
 É atirar um cordeiro
 Dentro da jaula de um lobo!

Oliveiros, já maçado,
 Disse ao turco: — És um louco!
 Levanta-te, se não, com pouco,
 Hei de ferir-te deitado,
 Que tempo se tem passado
 Nessas tuas discussões!
 Eu não vim ouvir razões,
 Vim ao campo pelejar —
 Tu és franco no falar,
 Vamos ver as tuas ações!

Ferrabrás, sem se alterar,
 Lhe disse: — Espera, Guarim!
 Peço que digas a mim
 O que vou te perguntar!
 Então, pôs-se a indagar
 Com a fala muito mansa,
 Como quem pensa e descansa;
 Perguntou a Oliveiros:
 — Como são os cavalheiros
 Que formam os Pares de França?

Oliveiros disse assim:
 — Roldão tem boa estatura.
 Oliveiros, na figura,
 É o mesmo que ver a mim.
 Guy de Borgonha, Bonfim,
 Ricarte são quase iguais,
 Pegou num, é um voraz —
 Porém, enquanto Roldão,
 Em coragem e coração,
 O mundo não terá mais!

Disse Ferrabrás: — Então
 Por que, desses cavalheiros,
 Não veio a mim Oliveiros,
 Guy de Borgonha ou Roldão!
 Disse Oliveiros: — Isso não!

Oliveiros está doente,
 Bonfim também anda ausente,
 Gui de Borgonha ficou,
 Roldão nunca se ocupou
 Brigar com um turco somente!

— Guarim, tu me tens mentido!
 Dizes que és novo guerreiro —
 És antigo cavalheiro,
 Tanto que estás ferido!
 Mas Oliveiros, fingido,
 Disse: — Este sangue é de agora —
 Eu estou são, porém embora
 Tenha na junta algum calo.
 O sangue é de meu cavalo,
 Que é muito duro de espora.

Depois de se levantar,
 Ferrabrás se preparou
 E a Oliveiros rogou
 Que o ajudasse a se armar.
 Oliveiros quis faltar,
 Por achar que era perigo;
 Disse Ferrabrás: — Lhe digo,
 Confie em minha nobreza —
 Eu não uso de vileza
 Para com meu inimigo!

Oliveiros se apeou,
 Ajudou a Ferrabrás;
 Com cortesias iguais,
 Ele também o tratou.
 Quando Ferrabrás se armou,
 Vestiu a saia de malha
 Na qual não tinha uma falha
 Feita por outros guerreiros,
 Montaram-se os cavalheiros —
 Deram começo à batalha.

Posto em ordem, prosseguiram
 A luta em estreitos passos;
 Das grossas lanças pedaços
 De ambos ao longe caíram.
 Ambos logo se serviram
 De duas finas espadas,
 Cortantes, grandes, pesadas,
 Que era uso dos guerreiros.
 Das feridas de Oliveiros
 Foram três amagoadas.

Disse Ferrabrás: — Guarim,
Pela crença dos fiéis,
Confessa logo quem és —
Não sejas fingido assim!
Creio que mentiste a mim:
Tu és um dos cavalheiros
Que a fama está espalhada!
Pelo pegar da espada,
És Roldão ou Oliveiros!

Disse a hoste dos guerreiros:
— Turco, tens uma atração
Para roubar coração
Dos mais duros cavalheiros!
Confesso: sou Oliveiros!
Minha fama tens ouvido!
Ferrabrás ficou sentido
Dos seus insultos primeiros.
Disse: — Desculpe, Oliveiros,
Não tê-lo bem recebido!

Aí, tornaram a partir,
Em ordem de cavalheiros.
Disse o turco: — Oliveiros,
Não posso mais te ferir!
Vejo teu sangue sair,
Por estares estragado!
Tenho o bálsamo sagrado
Com que Jesus foi ungido,
Bebe-o, porque estás ferido —
Bebendo ficas curado!

— Turco, eu não hei de aceitar
Coisa alguma que me deres,
Salvo só se tu quiseres
Crer em Deus, te batizar!
Do contrário é te cansar,
Porque não aceito nada —
Estou com a vida arriscada,
Sei do poder que tem ele,
Porém só me sirvo dele
Tomando-o pela espada!

Aí ambos, prevenidos,
Não escutaram razões;
Pareciam dois leões,
Numa jaula, enfurecidos.
Dois golpes iguais, medidos,

Todos dois descarregaram —
Com as forças que botaram,
Os braços ficaram bambos
E os cavalos de ambos
Em terra se ajoelharam.

Oliveiros recebeu
Um golpe tão desmarcado,
Que ficou atordoado
E muito sangue desceu.
O turco aí conheceu
Dele as forças abatidas;
Com as vozes compadecidas,
Disse: — Oliveiros teimoso!
Bebe o bálsamo milagroso,
Que te cura essas feridas!

— Ferrabrás, eu não aceito,
Assim não deves cansar-te!
Confesso, de minha parte,
Que toda a oferta rejeito,
Porque eu não me aproveito
Duma ação acobardada,
Por uma proteção dada —
Pois que prefiro morrer,
Que do teu bálsamo beber,
Sem o tomar pela espada!

Beijou a cruz da espada,
Proseguiu numa oração:
— Ó Virgem da Conceição,
Maria Pia e Sagrada!
Mãe de Deus, Imaculada,
Esposa casta e fiel!
Pelo vinagre e o fel
Que Cristo bebeu na cruz,
Rogai por mim a Jesus,
Nesta batalha cruel!

Partiu ao seu contendor
Com tanta disposição,
Que só se estivesse são
Teria tanto valor.
Deu-lhe um golpe matador,
Porém pegou mal pegado,
Feriu o turco de um lado.
Ferrabrás se desviou,
Tirando o bálsamo, tomou,
Ficou de tudo curado.

Oliveiros entristeceu,
Quando viu Ferrabrás são,
E disse no coração:
— Quem perde a luta sou eu!
Porém não esmoreceu —
Sem demonstração de falha,
Como homem que trabalha,
Disse sem poder conter-se:
— Falta pouco para ver-se
O fim de nossa batalha!

Disse o turco: — Cavalheiro,
Tu já estás muito ferido!
Queira aceitar meu pedido:
Rende-te prisioneiro!
Assim, te farei herdeiro
Do reino de Alexandria
E tem mais a garantia:
De hoje para amanhã,
Casar com a minha irmã,
A flor de toda Turquia!

Disse Oliveiros: — Senhor,
Não preciso de riqueza —
Quero morrer na pobreza,
Mas bem com meu Salvador,
Porque foi meu criador
E por minh'alma trabalha,
Um instante não empalha,
Para salvar os fiéis!
Turco, cuida em teus papéis —
Vamos dar fim à batalha!

Cobriu-se com seu escudo,
Beijou a cruz da espada
E deu uma cutelada,
Que desceu arnés e tudo.
E, dando outra a miúdo,
A Ferrabrás ofendeu.
O céu o favoreceu:
Um revés escapuliu,
O bálsamo dele caiu
E Oliveiros bebeu.

Ferrabrás, admirado,
Por ver tanta ligeireza,
E ver aquela destreza
Em quem já estava cansado,
Viu Oliveiros curado

De todas suas feridas —
Suas forças abatidas,
Mas estava tão renitente,
Que lhe parecia um vivente
Com quinze ou dezesseis vidas!

Depois de ter apanhado
O bálsamo que lhe serviu,
Dentro do rio sacudiu
O que tinha inda ficado.
Ferrabrás ficou maçado
Por Oliveiros botar
O que não podia achar
Ainda a peso de ouro —
Do mundo todo o tesouro
Não poderia comprar!

Oliveiros respondeu:
— Ferrabrás, fique sabendo
Que Deus tudo está vendo,
Pois o mundo todo é seu!
Um guerreiro como eu
Não vai atrás de cilada:
Com Deus, não me falta nada,
Me basta os prodígios seus —
Não quero mais do que Deus,
Uma lança e uma espada!

E tornou a investir,
Que só um leão voraz!
E disse: — Senhor Ferrabrás,
É tempo de decidir!
Só se ouvia eram tinir
As espadas pelo ar.
Roldão, que estava a olhar,
De vez em quando dizia:
— Oliveiros, só queria
Estar agora em teu lugar!

Já tinham se espedaçado
Arnés, capacete e tudo.
Não tinha mais um escudo
Que não tivesse quebrado.
As lanças tinham voado,
Só as viseiras existiam —
Eles já mal se cobriam
Nas horríveis cutiladas!
Somente as duas espadas
Sem dano algum resistiam.

Oliveiros se preparou
 E partiu ao inimigo.
 O turco viu o perigo,
 A pé firme o esperou —
 Um golpe nele deitou,
 Com tanta disposição,
 Sem ser propósito ou traição,
 Nesses golpes tão ligeiros,
 O cavalo de Oliveiros
 Caiu sem vida no chão.

— Turco, estás bem montado
 E o meu cavalo morreu!
 Ferrabrás lhe respondeu:
 — Mas eu não fui o culpado!
 Não ficarás desmontado,
 Eu sei a ordem qual é!
 Não desanimes da fé;
 Eu fui quem matou o teu,
 Agora montas no meu —
 Eu vou pelear a pé!

Disse Oliveiros: — Não!
 Fico também desmontado!
 Tu não foste o culpado!
 Assim era ser vilão!
 Por certo eu tinha razão,
 Porque tu mataste o meu —
 Foi acaso que aconteceu,
 Era-me feio aceitá-lo!
 Não brigo só a cavalo —
 Podes descansar o teu!

Aí Ferrabrás atou
 Num arvoredor o cavalo
 E disse: — Vou descansá-lo,
 Sua ocasião chegou!
 Para a batalha marchou,
 Com toda a disposição.
 Oliveiros, forte e são,
 Esperava cara a cara,
 Com a espada Alta Clara,
 Rugindo que só um leão.

Eu agora me lembrei
 Da falta que cometi —
 Mas foi porque me esqueci,
 Por isso não relatei.
 Porém sempre falarei,

Para o leitor se agradar —
 Quem sabe, há de se lembrar,
 Na luta dos cavalheiros,
 O cavalo de Oliveiros,
 Quando quis desembestar.

Com a grande cutelada
 Que Oliveiros recebeu,
 Quando o cavalo correu,
 Não obedecendo a nada
 Saiu numa desfilada,
 Mas o turco o atalhou.
 Oliveiros até pensou
 Que fosse alguma tragédia —
 O turco pegou na rédea
 E o cavalo parou.

Outra parte, que dizia,
 Quando o cavalo do turco
 Foi voá-lo num cavuco,
 Ferrabrás quase morria.
 Oliveiros, com energia,
 Chegou nesta mesma hora,
 Apeou-se sem demora —
 Pegou ele pelas mãos,
 Que só sendo dois irmãos,
 E botou Ferrabrás fora.

E tornaram a se bater
 Os ferozes cavalheiros.
 O turco com Oliveiros,
 Ninguém podia entender —
 Nada se ouvia dizer
 No jogo das cuteladas,
 As armas despedaçadas
 Com esse pesado jogo.
 De longe via-se o fogo
 Que saía das espadas!

— Podes gabar-te Oliveiros!
 Disse o turco, admirado.
 Olha que tenho lutado
 Com mais de mil cavalheiros —
 Entre todos os guerreiros,
 Não houve quem me ferisse,
 Nem quem tanto resistisse
 Os golpes da minha espada!
 Ela, por outra assinada,
 Nunca houve quem a visse!

Disse Oliveiros então:
 — Tua espada não toraste
 É porque não encontraste
 Com a espada de Roldão!
 Ele, com ela na mão,
 Nunca encontrou ferro duro,
 Nem arnês de aço puro
 Que seus golpes resistisse,
 Nem metal que não rangisse,
 Nem cavalheiro seguro!

E cobriu-se com uma parte
 Do escudo, que ficou.
 Com todo o orgulho, gritou:
 — Vamos dar fim ao combate!
 A nós não há quem aparte,
 Disto já estou convencido —
 Haja o que Deus for servido,
 Onde há campo e espadas,
 As razões são desusadas,
 Conversa é tempo perdido!

E partiu, determinado
 A Ferrabrás degolar,
 Mas não pôde aproveitar
 O golpe descarregado —
 O turco pulou de um lado,
 Um golpe nele mediu.
 Quando Oliveiros sentiu,
 O braço lhe estremeceu —
 Do golpe que recebeu,
 A sua espada caiu.

Assim mesmo, inda pegou-a,
 Mas tinha o braço dormente.
 O turco, rapidamente,
 Partiu a ela, apanhou-a,
 Pegou nela, examinou-a,
 Ficou muito admirado
 E disse, entusiasmado:
 — Oliveiros, estás vencido!
 Isso aí está decidido,
 Porque já estás desarmado!

Porém pega a tua espada,
 Não quero vencer-te assim!
 Mesmo, quero ver o fim
 Desta batalha encantada,
 Pois está tão dilatada,

Que já estou mal satisfeito!
 Respondeu-lhe: — Só aceito,
 Por minhas armas tomada —
 Tomá-la por mão beijada,
 Isto não é de direito!

Com um pedaço de escudo,
 Que no chão tinha ficado,
 Depois de ter apanhado,
 Disse Oliveiros: — Isso tudo
 Não fura, mas é pontudo —
 Mata qualquer, está provado!
 Guárim tinha observado;
 Foi a Carlos Magno, disse
 Que a Oliveiros acudisse,
 Que já estava desarmado.

Oliveiros viu então
 Que a sela de Ferrabrás
 Estava munida demais,
 Com espadas ao arção.
 Com toda a disposição,
 Que só quem não tem juízo,
 Partiu ao turco indeciso —
 Sem temeridade alguma,
 Puxou pelo cabo duma,
 Que se chamava Batizo.

— Agora sim, estou armado!
 Disse ele a Ferrabrás.
 Nas armas estamos iguais,
 Nenhum ficará maçado —
 Cada qual zele seu lado,
 Que a batalha vai findar!
 É tempo de aproveitar
 A força, a coragem, o jogo —
 A batalha, a ferro e a fogo,
 Seja feliz quem ganhar!

E haja tempo! O ferro troa,
 Com golpes tão destemidos!
 Das espadas os tinidos,
 Só um trovão quando zoa,
 Que o estampido reboa,
 Por vãos de serras e quebradas!
 Como bombas disparadas,
 Raios de fogo subiam,
 Grossas faíscas caíam
 Daquelas duas espadas.

Ferrabrás a resistir
 Estava com tanta paixão!
 Oliveiros, só um leão,
 Quando alguém o quer ferir,
 Disse: — Vamos decidir
 Esta batalha comprida!
 A coisa está conhecida —
 Um de nós hoje aqui erra
 E, neste campo de guerra,
 Um há de deixar a vida!

Oliveiros aí se ergueu,
 Marcou-lhe a cabeça ao meio,
 Que foi o golpe mais feio
 Que um cavaleiro deu.
 Ferrabrás estremeceu
 E quase perde o sentido,
 Ficando muito abatido.
 Disse consigo Oliveiros:
 — Tu serás um dos primeiros
 A seres hoje vencido!

E tornou a repetir
 Outro golpe desmarcado.
 O turco, muito cansado,
 Quase o golpe o fez cair,
 Não podendo resistir —
 O golpe não respondeu.
 Oliveiros conheceu
 A falta de ligeireza,
 Mas viu que aquela fraqueza
 Não era defeito seu.

Disse Oliveiros consigo:
 — Meu Deus! Se Vós concedêsseis
 Que este turco conhecesse
 Que é feliz viver contigo,
 O livraria do perigo
 De sua alma se perder!
 O céu havia de colher
 Uma alma quase perdida
 Que, depois de arrependida,
 Podia se converter!

Já de Ferrabrás a vida
 Se divulgava num sopro:
 Cada parte no seu corpo
 Tinha uma mortal ferida,
 A força muito abatida

E ele em tudo mudado,
 Pálido e ensangüentado.
 Oliveiros viu com calma
 Que o turco só tinha a alma —
 O corpo estava acabado!

— Jesus, filho do Eterno,
 Exemplo da redenção!
 Livrai a este pagão
 Do abismo do inferno!
 Dai-lhe um desejo moderno,
 Um intuito que o avise
 Nessa miserável crise —
 Dai-lhe isso como prenda:
 Que de tudo se arrependa,
 Cria em Vós e se batize!

Já estava Ferrabrás
 Muito rendido ao cansaço.
 Já o seu esquerdo braço
 Não o podia erguer mais,
 Porque não era capaz
 De resistir mais por ora.
 E Oliveiros, por fora,
 Conheceu-lhe a gravidade;
 Com toda a amabilidade,
 Disse: — Ferrabrás, agora

Quero que fiques sabendo
 Que existe um Deus que nos cria!
 Sua força e energia
 É como aqui tu estás vendo:
 Vim aqui quase morrendo,
 Todo chagado e ferido,
 Pois eu tinha combatido
 Para Ele defender —
 Sem teu bálsamo beber,
 Fui de Deus favorecido!

Se tu chegasses a crer
 Na Santíssima Trindade,
 No Poderoso Deus Padre,
 Havia de conhecer
 Que ao mundo rege um poder
 De grande sabedoria,
 Que tudo alimenta e cria,
 Fez o céu a terra, o mar,
 É mais puro do que o ar
 E mais claro do que o dia!

Esse, um dia, descerá
 Ao mundo das ilusões
 E todas nossas ações
 Como juiz julgará.
 E como te salvará,
 Tu, sem lei e confiança?
 Sem ter nEle uma esperança,
 Vais ao Dia do Juízo?
 Então, perdes o Paraíso,
 Essa grande e rica herança?

Deixa os ídolos que adoras
 E crê na Virgem Maria!
 Crê num Deus que nos cria,
 Julga tudo em uma hora!
 Bota estas ilusões fora,
 Que o demônio não te pise!
 Pede a Jesus que te avise,
 Abraça a religião,
 Pede das culpas perdão,
 Crê em Deus, e se batize!

Disse o turco: — Cavaleiro,
 Isso não hei de fazer!
 Eu me sujeito a morrer
 No campo do desespero,
 Tenho os louros de um guerreiro,
 Brazão, honra, assim por diante —
 Ainda que vá avante,
 Isto assim nunca farei!
 Não deixo a lei que adotei
 Por dez montes de brilhante!

Dizendo: — Apolim, me valha! . . .
 E se levantando cansado,
 Inda dizia, animado:
 — Vamos dar fim à batalha!
 A morte não me empalha,
 A vida é como um segredo,
 O mundo é um cruel degredo
 Onde o mistério se enterra —
 Golpe de espada, na guerra,
 Jamais me mata de medo!

Oliveiros pôde ver,
 Quando estavam descansando,
 Que ele estava desmaiando
 E se arriscava a morrer.
 Jamais podia viver,

Devido ao seu mau estado —
 Muitas feridas do lado,
 Era enorme a sangueira!
 Das armas, só a viseira
 Apenas tinha ficado!

Ainda se levantou,
 Disse: — Senhor Oliveiros,
 Estes são os derradeiros
 Golpes que em guerra dou!
 Oliveiros o esperou,
 Mas não o queria matar —
 Seu desejo era o salvar,
 Não desejava mais nada.
 Pôs na bainha a espada,
 Apenas para constar.

Assim que Ferrabrás viu
 Se ultimando sua vida,
 Pôs a mão sobre a ferida,
 A Oliveiros pediu —
 Julga-se que ele sentiu
 Uma emoção tanto ou quanto,
 Que disparou nesse pranto
 Ressentido e magoado,
 Como se fosse tocado
 Do Divino Espírito Santo.

— Nobre e grande cavaleiro!
 Disse o turco, arrependido.
 Agora estou convencido
 Que teu Deus é verdadeiro,
 Grande, bom e justiceiro,
 Ente de grande mister —
 Faz tudo quanto Ele quer,
 NEle não há quem O pise! . . .
 Te peço que me batize —
 Depois faça o que quiser!

Oliveiros, quando acabou
 De ouvir o que ele dizia,
 Ficou com tanta alegria,
 Que, de contente, chorou.
 As feridas lhe curou,
 Livrou ele de morrer.
 Então, se ouviu dizer
 Aquela alma fiel:
 — Bendito, ó Deus de Israel,
 Que foi, que é, que há de ser!

Estando Oliveiros sentido,
Por ver assim Ferrabrás,
Lhe disse: — Hoje serás
Pelos Pares recebido —
Não por eu ter-te vencido,
Mas sim por seres cristão,
Porque a religião
Abraça todo rebelde,
Desde a hora em que pede
De suas culpas perdão!

Disse o turco: — Hás de montar
Em meu cavalo e seguir —
Se o meu exército vir,
Há de querer me tomar!
E cuida logo em te armar,
Com a maior brevidade —
Tenho arma em quantidade,
De qualidade mais bela!
Uma presa como aquela
Vale mais que uma cidade!

E, por trás daquele outeiro,
Tem dez mil turcos esperando
E mais que hão de vir chegando,
Cada qual mais cavalheiro!
Onde tem cada guerreiro,

Que só um tigre ou um leão —
Homens de disposição,
Destros no jogo de lança,
Pessoas da confiança
Do almirante Balão!

E disse: — Hás de montar
Em meu cavalo e seguir
E ajudar-me a subir,
Para poder me levar.
E não deves demorar,
Porque estou muito ferido —
Ficarei muito sentido
Em morrer sem batizar-me
E ali tem a esperar-me
Um exército crescido!

E Oliveiros, andando
Por uma estrada que havia,
Viu que de um monte saía
A força que estava esperando.
O turco foi-se apeando
E Oliveiros se armou,
Sob uma sombra o deixou,
Foi de encontro aos inimigos —
Um dos maiores perigos
Que Oliveiros encontrou!

A PRISÃO DE OLIVEIROS E SEUS COMPANHEIROS

Quem leu a batalha horrenda
De Oliveiros e Ferrabrás,
Não deve ignorar mais
O que é uma contenda!
Vê uma luta tremenda,
Como se ganha vitória -
Pode guardar na memória,
O combate mais horrível!
Parece até impossível
O passado desta história!

Ferrabrás era um gigante
De corpo descomunal,
Como nunca teve igual
No reino do almirante.
Ele só, era bastante
Para cinco mil guerreiros.
Oito, dez mil cavalheiros
Morreram pelas mãos dele -
E só tirou sangue nele
A espada de Oliveiros!

Oliveiros, aquele braço
Não se curvava em perigo
E nunca achou inimigo
Que lhe fizesse embarço -
Aquele pulo de aço,
Mão que sempre foi temida,
Para as guerras escolhida
E por Deus abençoada -
Nunca desceu a espada,
Que não tirasse uma vida!

Ferrabrás, como um leão,
Afrontava a própria morte,
Era a coluna mais forte
Do almirante Balão.
Tinha nobre o coração
E era civilizado.
Nas armas disciplinado,
Tinha força e energia -
Em toda a parte a que ia,
Mostrava ser ilustrado.

Como também Oliveiros,
No valor e na ação,
Guy de Borgonha e Roldão
E os mais seus companheiros -
Desses doze cavalheiros
Um só não torcia o braço,
Um deles não dava um passo,
Que não achasse perigos -
Espadas dos inimigos
Para eles não tinham aço!

Oliveiros e Ferrabrás,
Que aspiravam um despeito,
Pegaram-se peito a peito,
Como dois leões brutais.
Ali ninguém chegou mais,
Foram os dois lutar a sós:
Ninguém ouvia uma voz,
Fogo das armas saía
E, dos dois, ninguém sabia
Qual seria o mais feroz!

Leiam com toda a atenção
 A vida de Ferrabrás,
 Vejam como são iguais
 Ele, Oliveiros e Roldão.
 O almirante Balão
 Tinha nele tal fiança,
 Dizia que toda a França
 Se tornaria impotente —
 Porque Ferrabrás somente
 Servia de segurança.

Carlos Magno também
 Tinha doze cavaleiros,
 Como outros iguais guerreiros
 O mundo hoje não tem!
 Nunca temeram a ninguém,
 Segundo diz a História —
 Tinham as espadas, a glória,
 Nunca torceram perigo,
 Nunca foram ao inimigo
 Que não contassem vitória!

No dia em que Oliveiros
 Deixou Ferrabrás vencido,
 Foi de novo acometido
 Por dez mil turcos guerreiros.
 Ele e quatro cavaleiros,
 Que chegaram em seguida,
 A força turca provida
 Os fez todos prisioneiros,
 Porém, só por Oliveiros,
 Ficaram três mil sem vida.

Não puderam resistir
 Os cavaleiros de França —
 Sem cavalo, espada e lança,
 Sem ter com que se cobrir,
 Veio a noite os confundir
 Com a negra escuridão.
 Perderam de tudo a ação,
 Foram presos os cavaleiros,
 Levaram os prisioneiros
 Ao almirante Balão.

Assim mesmo, se Oliveiros
 Não estivesse desmontado,
 Além disso, desarmado,
 Ele e todos companheiros —
 Se dois ou três cavaleiros

Os tivessem socorrido,
 Com boas armas os munido —
 O combate iria avante,
 O povo do almirante
 Não o teria prendido.

Porém a luta era horrenda
 E os cavaleiros poucos.
 Os turcos, como uns loucos,
 Davam batalha tremenda,
 Naquela infeliz contenda,
 Oliveiros tropeçou
 Num cadáver que encontrou —
 Quando dez turcos chegaram,
 As mãos atrás lhe amarraram,
 Ele sem ação ficou.

Os turcos, esfomeados
 Pelo sangue de Oliveiros,
 Vendo os cinco cavaleiros
 Em seu poder escoltados,
 Saíram recompensados
 Por aquela heróica ação,
 Julgavam pagar a prisão
 Do herói rei dos guerreiros,
 O maior dos cavaleiros
 Do almirante Balão.

E seguiram os cavaleiros,
 Cruelmente maltratados.
 Levando os olhos tapados,
 O grande e nobre Oliveiros
 Com as mãos atadas atrás,
 Correndo a tudo e a mais
 Ao almirante Balão,
 Para vingar a prisão
 De seu filho Ferrabrás.

E, naquela multidão,
 Levando os prisioneiros,
 Entregou os cavaleiros
 Ao almirante Balão.
 Ele lá, como um leão,
 Em desesperos fatais,
 Igualmente a Satanás
 No dia que o céu perdeu,
 Disse: — Desses, quem venceu
 O meu filho Ferrabrás?

Disse um dos exaltados,
Examinando primeiro:
— É aquele cavaleiro
Que traz os olhos vendados!
Estes cinco celerados,
É custoso de os vencer!
É escusado dizer
Da forma que eles lutaram
E dez mil vidas custaram,
Para poder se prender!

O rei fez uma mudança:
Perguntou a Oliveiros
Se eles eram cavaleiros
Dos Doze Pares de França.
Oliveiros, sem tardança,
Disse: — Nós somos soldados
Muito pouco exercitados.
Somos todos de Lorenda,
Para a primeira contenda
Agora fomos chamados!

Ordenou o almirante
Que para o campo so levassem
E todos cinco matassem,
Por um meio agonizante.
Ali lhe disse Burlante:
— Teu plano não é capaz:
Creio que lucrava mais
Mandar por dois mensageiros
Trocar esses cavaleiros
Por teu filho Ferrabrás!

O almirante Balão
Achou bom o parecer.
Deu ordem a recolher
Os cavaleiros à prisão,
Num cárcere de escuridão,
Onde matavam os tiranos.
Os turcos bárbaros, profanos,
Os puseram em enxovia,
Aonde o curso de um dia
Parecia dez mil anos.

Esse cárcere agonizante,
Prisão asquerosa e fria,
Encostada à moradia
Da filha do almirante,
Cuja alma interessante

Dava ao mundo uma esperança:
Conservava na lembrança
Idéia pura e risonha —
Amava a Guy de Borgonha,
Um cavaleiro de França.

Amava ela ao vassalo
Do imperador francês
Que, vendo a primeira vez,
Não pôde deixar de amá-lo:
Quando ele entrou a cavalo,
Em Roma, numa corrida,
Deixou-a surpreendida —
No toque de uma paixão,
Deu a ele o coração,
Arriscando a própria vida!

Floripes não conhecia
Como o amor tem poder —
Logo aí, pôde saber
Quanto ele tem energia.
Sendo ela da Turquia,
Seu pai era um rei pagão,
Não tinha religião,
Era um perigo profundo —
Por todo o ouro do mundo,
Não dava ela a um cristão!

Oliveiros, recolhido,
Naquele horrível tormento,
O seu maior sofrimento
Era o corpo estar ferido.
Ele exclamava sentido:
— Meu Deus, olha para mim!
Não devo viver assim —
De lá da eternidade,
Mandai com mais brevidade
A morte trazer meu fim!

Antes tivesse eu morrido
Pelas mãos de Ferrabrás,
O guerreiro mais capaz
Dos que a Turquia tem tido!
Outro igual não foi nascido,
Se nasceu, não foi criado,
Guerreiro nobre e honrado,
Espada que vale um porto —
Se ele me tivesse morto,
Eu estava consolado!

Floripes então pôde ouvir
 Oliveiros exclamar.
 Desceu e foi indagar
 Quem estava a se concluir.
 Diz Brutamonte a sorrir:
 — Aqueles são uns dos tais
 Do povo de Satanás,
 Que tanto nos ofendeu.
 Está até o que venceu
 O teu irmão Ferrabrás.

— Abre a porta da prisão,
 Disse ela ao carcereiro.
 Quero ver o cavaleiro
 Que faz essa exclamação.
 Disse Brutamonte: — Não!
 Isso eu não posso fazer,
 Sob pena de morrer!
 Teu pai me recomendou,
 Pessoalmente ordenou
 Não deixasse alguém o ver!

— Abre esta porta, vilão!
 Floripes lhe replicou.
 Quando o turco se abaixou,
 Para abrir o alcapão,
 Ela meteu-lhe um bastão,
 Deixando-o morto por terra,
 Dizendo: — Neste se encerra,
 Um de mais plano formado —
 Matei o mais desgraçado
 Que vinha me fazer guerra!

Tudo assustado ficou
 Daquela ação que ela fez
 E ela, por sua vez,
 Daquilo não se alterou —
 Com toda a calma falou
 A todos prisioneiros.
 Perguntou a Oliveiros
 Quem era que estava ali.
 Um deles lhe disse: — Aqui
 Somos cinco cavaleiros.

Ela, com fala bem mansa,
 Perguntou a Oliveiros:
 — Quem são esses cavaleiros?
 — Somos naturais de França,
 Que estamos sem esperança

De sair desta prisão!
 Ela perguntou então:
 — De vós, quem batalha deu
 E nessa luta venceu
 A Ferrabrás, meu irmão?

— Fui eu, lhe disse Oliveiros,
 Numa batalha leal —
 Que, tendo sangue real,
 Fiz como os nobres guerreiros.
 O bravo dos cavaleiros
 Quis fazer de mim pagão.
 Eu, sem vileza e traição,
 Lutei, ele foi vencido
 E hoje está convertido,
 Batizou-se e é cristão.

Floripes então perguntou,
 Como quem se interessava,
 Se Guy de Borgonha estava.
 Disse Oliveiros: — Ficou.
 Ali ela confessou
 A sua grande paixão.
 Disse: — Meu pai é pagão,
 Se souber vai castigar-me —
 Vocês poderão levar-me
 Para a terra de cristão?

Disse Oliveiros: — Senhora,
 Pelas graças recebidas,
 Nós arriscamos as vidas,
 Te servimos a toda hora!
 Manda-nos soltar agora,
 E dá com que nos armar —
 Podes nos acompanhar.
 Descansa o teu coração,
 Que o almirante Balão
 Te vê e não pode tomar!

Floripes lhes disse ali:
 — Eu os ponho em liberdade.
 Venho soltá-los mais tarde,
 Esperem por mim aí.
 Eu me retiro daqui —
 Pode alguém me ver falando
 E, aqui me demorando,
 Pode alguém desconfiar.
 De noite, os venho tirar.
 Fiquem aqui esperando.

Ficou em ânsia Oliveiros;
 Mas à noite ela voltou,
 Com uma corda tirou
 Todos cinco cavaleiros.
 Todos os prisioneiros
 Foram por ela levados,
 Cearam e foram curados,
 De boas armas munidos,
 Todos cinco prevenidos
 Para se fossem atacados.

Floripes comunicou
 À sua velha criada.
 A velha ficou zangada,
 Na mesma hora jurou.
 Floripes a empurrou
 De uma alta janela,
 Ficando livre daquela,
 Donde o mal podia vir.
 Depois da velha cair,
 Embaixo enterraram ela.

O almirante Balão
 Ordenou que quinze reis
 Fossem todos duma vez
 Ao imperador cristão.
 E disse: — Digam então
 Que eu lhe mando dizer:
 Que ele mande trazer
 Meu filho, que ele têm lá,
 Que eu lhe mando de cá
 Os que tenho em meu poder.

E, se não quiser fazer
 O que lhe mando pedir,
 Ao seu reino hei de ir
 Com meu exército e poder
 E ele então há de ter
 Uma morte rigorosa.
 Uma sentença penosa
 Ele tem que experimentar —
 Ou faz, a fim de escapar,
 A fuga mais vergonhosa!

Então, nesse mesmo dia,
 Carlos Magno chamou
 Sete Pares e mandou
 Com uma embaixada à Turquia.
 Na embaixada dizia:

— Vocês digam ao Balão
 Que trate de ser cristão
 E mande meus cavaleiros —
 Eu não quero meus guerreiros
 Presos em poder pagão!

Esses quinze reis guerreiros,
 Vassalos do almirante,
 Já de águas mortas distante,
 Encontraram os cavaleiros
 E insultaram os mensageiros
 O imperador cristão.
 Perguntaram: — Aonde vão?
 Que vão ver por esta estrada?
 Diz Roldão: — Levo embaixada
 Ao almirante Balão.

— Não podemos acreditar!
 Disseram os embaixadores.
 Vocês são salteadores
 E querem se disfarçar!
 Nós havemos de os levar
 Ao almirante Balão,
 Que numa escura prisão
 Há de mandar encerrar! . . .
 — Então podem se aprontar!
 Gritou-lhes, alto, Roldão.

Quando Roldão proferiu,
 Puxou logo pela espada,
 Deu num uma cutelada
 Que aos peitos partiu.
 Outro rei turco acudiu,
 Porém ele não torceu:
 Todos os golpes que deu
 Foram bem aproveitados —
 Quatorze foram lascados,
 Escapou um, que correu.

Atrás desse que correu,
 Foi Ricarte perseguindo.
 O turco, se escapulindo,
 Pela mata se escondeu,
 Nas montanhas se meteu,
 Ganhou a uma solidão.
 Serviu-se da escuridão
 Da noite que o protegia
 Para contar o que havia
 Ao almirante Balão.

Quando Ricarte voltou
 Disse a um conselheiro:
 — Não temo os aventureiros
 Que no campo se matou —
 Receio o que escapou
 Pela colina do monte,
 Que vá hoje mesmo e conte
 Ao almirante Balão
 E seja essa razão
 De passarmos pela ponte.

Ali respondeu Roldão:
 — Ora por que não se passa?
 Vocês verão a desgraça
 Que eu faço na guarnição!
 O almirante Balão
 Bote os soldados que tem,
 Porque eu juro também
 Ficar a terra arrasada —
 Ele dá-me a embaixada
 Ou sua cabeça vem!

Ali, todos se montaram,
 Armados heroicamente,
 Levando como presente
 As cabeças que tiraram,
 Em seus alforjes botaram,
 Não deram satisfação,
 Seguiu na frente Roldão,
 A pessoa encarregada
 De entregar a embaixada
 Ao almirante Balão.

Ali havia uma ponte,
 A de Montible chamada.
 O rei não dava entrada.
 Por fora, existia um monte
 Duma altura sem desconte,
 Como outra não havia
 E na porta era vigia
 Um descomunal gigante,
 De quem só o almirante
 A ponte confiaria.

Existe um portão enorme,
 Com três arcos de ouro puro
 E quem o faz mais seguro
 É um gigante disforme,
 Dum aspecto desconforme

É um gesto repugnante.
 É musculoso e possante,
 São brutas as suas maneiras —
 É quem defende as fronteiras
 Das terras do almirante.

Disse Roldão: — Vou falar,
 Ver se ele abre um pouquinho.
 Se eu entrar, faço caminho,
 Que tudo pode passar.
 Se ele quiser cobrar
 A quantia estipulada,
 Depois de eu ter a entrada,
 Aí eu digo: "Ó bruto!
 Eu trago aqui teu tributo,
 Na bainha da espada!"

Disse o duque de Nemé:
 — Paciência, meu amigo!
 Deixe a empresa comigo,
 Não desespere da fé.
 Eu sei isso como é
 E devemos nos conter —
 Também precisa saber
 Que a pessoa alguma agrada
 Dar uma forte pancada
 E outra igual receber!

Deixe. Eu sigo na frente.
 Então direi ao gigante
 Que vamos ao almirante,
 Deixar um rico presente —
 E uma embaixada urgente
 Ao almirante Balão.
 Ele, vendo a razão,
 Talvez nos deixe passar —
 Assim, podemos chegar
 Sem precisar de questão.

Bateu o duque e chamou
 Pelo nome do gigante
 E esse, no mesmo instante,
 Na porta se apresentou.
 Abriu um postigo, olhou.
 Viu tudo de espada e lança.
 O duque, com a fala mansa,
 Disse: — Queremos entrada,
 Pois levamos embaixada
 Do imperador de França!

Disse Galafre: — Precisa
 Pagar tributo de entrada,
 Uma soma exagerada —
 Só passa quando indeniza!
 Antes de entrar, avisa
 Ao almirante Balão,
 Vê se ele consente ou não
 Que lhe leve a embaixada,
 Ou se possa dar entrada
 A um embaixador cristão.

Disse o duque: — Tem razão,
 Porém nós somos decentes,
 Levamos ricos presentes
 Ao almirante Balão.
 Deixe passarmos, então,
 Nós e tudo nosso em paz.
 O comboio que vem atrás —
 Nós vamos logo na frente,
 Procurar onde aposente
 Nós e nossos animais.

Disse Galafre: — Há de dar
 Três arcos de ouro maciço —
 Sem haver abate nisso,
 Aqui mesmo há de entregar!
 Disse o duque: — Hei de pagar,
 Inda sendo nove ou dez!
 Disse o gigante: — Tu és
 Um destemido vassalo!
 Por cada pé de cavalo,
 Hás de pagar cem mil réis!

Todo cristão que aqui passa,
 É que não quiser morrer,
 É obrigado a trazer
 Cem pares de cães de caça —
 E tudo de boa raça
 Que sejam bem amestrados —
 Trinta arcos bem lavrados,
 De pedras especiais:
 Tudo isto, quem vem traz,
 Do contrário é devorado!

É a quantia exigida
 De quem aqui quer passar —
 É obrigado a pagar,
 Do contrário perde a vida!
 A pessoa é concluída:

Em cima daquele monte,
 Um gancho, sobre uma fonte,
 Eu mandarei enfiar,
 Depois mando pendurar
 Nas ameias desta ponte.

Disse o duque: — Sim, senhor.
 Eu e os meus companheiros
 Somos sete cavaleiros
 De muito alto valor
 E o nosso imperador
 Nos mandou a comissão
 Ao almirante Balão
 Uma embaixada levar.
 Nos ordenou a pagar
 O que fosse de razão.

Nosso comboio há de vir.
 Chegando, deixe-o passar.
 Depois, hei de lhe pagar
 O que o senhor exigir.
 Queremos que o deixe ir
 Às tendas do almirante,
 Pois um presente importante
 A ele vamos levar.
 Havemos de lhe pagar
 De nós, dele, assim por diante.

Galafre os deixou passar
 E todos sete partiram.
 Pela estrada seguiram,
 Sem nada os incomodar.
 Estava um a olhar,
 Mas quieto, a sangue frio.
 Roldão, sem mais desafio,
 Lançando a mão à espada,
 Partiu-o com uma cutelada,
 Botou-o morto no rio.

Os cavaleiros chegaram
 Já de meia-noite por diante,
 À hora em que o almirante
 Já tinha se agasalhado.
 Tinha há pouco se deitado,
 Não quis se levantar mais,
 Disse consigo: — É capaz
 De Carlos Magno mandar
 Seus cavaleiros buscar
 E me trazer Ferrabrás.

O almirante Balão
 Tinha há pouco se deitado,
 Soube que tinha chegado
 Na Côrte um povo cristão.
 Disse o almirante: — Então
 Não devo me vexar mais —
 São homens especiais,
 Que vêm como mensageiros,
 Ver se eu dou os cavaleiros
 Por meu filho Ferrabrás.

Ordenou que agasalhasse
 Muito bem os cavaleiros,
 Visse que aos mensageiros
 Cousa alguma não faltasse.
 Depois que tudo cessasse
 Desse-lhes cama decente,
 Pois encarecidamente
 Ordenava que os tratasse
 E que tudo ali achasse
 A noite muito excelente.

O mestre-sala os botou
 Cada um num aposento
 E todo aquele armamento
 O mestre-sala guardou.
 Nem um deles se lembrou
 Que o rei podia chegar
 E ao almirante contar
 Todos os fatos passados,
 Mas estavam enfadados —
 Só pensaram em se deitar.

Então foram agasalhados
 Todos esses mensageiros,
 Porém todos cavaleiros
 Um dos outros separados.
 Todos esses desarmados,
 Nem um com arma ficou.
 De madrugada chegou
 O rei que tinha escapado,
 Contando muito cansado,
 Tudo quanto se passou.

E disse: — Esses desgraçados,
 Que aos quatorze reis mataram,
 São uns que há pouco chegaram,
 Estão aqui agasalhados.
 Vinham ontem aglomerados,

Nos agrediram no caminho —
 Momento ingrato e mesquinho,
 Tudo nos fechou os portos!
 Ficaram quatorze mortos,
 Só eu escapei sozinho!

Ali logo o almirante
 Quase morre de paixão,
 Lançou logo a maldição
 Em Mafama e Tarvagante.
 Acudiu no mesmo instante
 O mestre-sala, falou,
 Brutamente o animou
 E lhe disse: — Sua Alteza
 Eu tenho toda certeza —
 Mafama não te deixou!

Apolim e Tarvagante,
 Dois deuses teus protetores,
 Os quais recebem favores
 De ti a qualquer instante!
 Mafama é um Deus constante,
 Protege aos reis anciãos,
 Trata os reis por seus irmãos,
 Deixou teu povo morrer,
 Porém mandou te dizer:
 Tens inimigos nas mãos!

Vai descansar lá dentro,
 Afrontarei os perigos —
 Prenderei teus inimigos,
 Ainda que fosse um cento!
 Eles já dormem e eu entro,
 Amarrarei um a um.
 Isso é uma fato comum,
 Ninguém não deve estranhar —
 Eu sozinho posso entrar,
 Não deixo solto nenhum!

Disse aquilo e foi saindo
 E foi logo aos mensageiros,
 Amarrou os cavalheiros
 Que estavam todos dormindo.
 O mestre-sala, sorrindo,
 Foi dizendo ao almirante:
 — Senhor, nesse mesmo instante
 Prendi todos cavalheiros,
 Dexei-os prisioneiros —
 Fiz um serviço importante!

Foram os Pares amarrados,
Quando no salão dormiam,
Inocentes não sabiam
Que ali seriam algemados.
De manhã foram levados
Ao almirante Balão,
Que perguntou a Roldão
E aos outros mensageiros
Se eles eram cavaleiros
Do imperador cristão.

Ali Roldão respondeu:
— Se ainda não conhecia
O carrasco da Turquia,
Repare bem que sou eu!
Braço que nunca torceu —
Milhões de turcos armados,
Grandes guerreiros afamados,
Vassalos velhos escolhidos,
Por mim já foram abatidos,
Estão no Livro dos Finados!

Eu venho em comissão
Do meu tio imperador,
Que manda dizer ao senhor
Que se fizesse cristão —
Do contrário, em sua mão
Havia de se acabar.
Ele havia de botar
Sobre si exemplo ou mostra:
O senhor dê-me a resposta
Que é necessário levar.

Eis aí, caro senhor!
Disse animado Roldão.
O almirante Balão
Ficou ardendo em furor.
Com aspecto aterrador,
Chamou seus subordinados,
Mandou que fossem queimados
Todos esses mensageiros,
Com mais cinco cavaleiros
Que estavam encarcerados.

Quando a notícia chegou
Aos ouvidos da princesa,
Ela, com essa surpresa,
Meia hora não falou.
Por Oliveiros chamou

E lhe disse: — Se disponha!
Minha aflição é medonha,
Só vós podeis me valer —
Antes me deixe morrer
E salve a Guy de Borgonha!

Para meu pai me entregá-los,
Disse ela, vou pedir.
Se nada lá conseguir,
Vocês vão daqui tomá-los.
Têm boas armas e cavalos,
Vocês fiquem prevenidos —
Olhem que estamos metidos
Onde qualquer um não vai
E o povo de meu pai
São turcos muito atrevidos!

No mesmo instante Oliveiros
Deu pressa a tudo se armar
E no campo não deixar
Matarem seus companheiros.
Floripes, em desesperos,
Sobre uma cadeira cai,
Num terno pranto se esvai
E diz ao grande Oliveiros:
— Resgatem os prisioneiros,
Inda que matem meu pai!

Saiu e foi ao Balão
Chorando, porém fingida,
Muito queixosa e sentida
Pelo seu querido irmão.
Entrou pela multidão
Falando com arrogância.
Sem apresentar mudança,
Indagou quem eram aqueles
Perguntou se eram eles
Os cavaleiros de França.

Respondeu o almirante:
— Estes malditos que vês
Matarem quatorze reis,
Ontem à tarde, num instante!
Uma morte agonizante
Também hoje hei de lhes dar —
Hei de mandá-los matar
No campo, bem cruelmente!
A morte de minha gente
Assim há de se vingar!

Disse a princesa: — É verdade!
 Deve os levar amarrados,
 Matá-los todos queimados,
 Com a maior crueldade.
 Porém, já é muito tarde,
 Meu pai precisa comer —
 Primeiro mande dizer
 A todos nossos parentes,
 Porque ficarão contentes
 Vendo-os no campo morrer!

Me entregue os prisioneiros —
 Eu levo estes condenados,
 Destes amaldiçoados
 Serei um dos carcereiros!
 Estes sete carneiros
 Hei de ajudar a matá-los
 E com minhas mãos queimá-los
 Para vingar meu irmão!
 O almirante Balão
 Lhe disse: — Pode levá-los!

Disse-lhe ali Sortibão:
 — O senhor adverte bem,
 Porque na mulher contém
 Um armazém de traição —
 E deve ter precaução,
 Andar seguro e direito,
 Muitas mulheres têm feito
 Os homens se arrependerem
 E só chegam a conhecerem
 Quando não podem dar jeito'

Floripes estremeceu,
 Disse ali a Sortibão:
 — Por teu falso coração
 Vens tu calcular o meu?
 Falso pode ser o teu,
 Onde não há sentimento!
 Porém, marca o momento —
 Um dia hei de me vingar
 E tu hás de me pagar
 Este teu atrevimento!

E ordenou aos soldados
 Levarem os prisioneiros.
 Disse ali aos cavalheiros:
 — Levantem-se, desgraaçados!
 E lá seguiram algemados

Na frente, ela indo atrás,
 E disse aos oficiais:
 — Faz favor tudo voltar!
 Mandou aos presos trancar
 Na camara de Ferrabrás.

Como ficou Oliveiros,
 Quando chegou ao salão,
 Vendo algemado Roldão
 E os outros cavaleiros!
 Disse ele: — Companheiros,
 Não façam por ter demora,
 Olhem que estamos na hora,
 Soltemos nossos irmãos!
 Quebraram os ferros das mãos,
 Deixando os pedaços fora.

Foi entrando Lucrafé,
 Primo e noivo da princesa,
 Como foi sua surpresa
 Vendo o conde de Nemé,
 Que, se firmando num pé,
 Aproveitou bem a hora —
 O turco quis ir embora,
 Deu-lhe o duque tal pancada,
 Com o gume da espada,
 Tirou-lhe a cabeça fora.

Floripes, admirada,
 Disse: — Por teu Evangelho!
 Nunca julguei que um velho
 Desse tão grande pancada! . . .
 O duque disse: — Isto é nada!
 Muito mais já tenho feito —
 Eu, pegando um turco a jeito,
 Não me faltando espada,
 Lasco duma cutelada
 Da cabeça até ao peito!

Disse Floripes: — Vou ver
 Pela Corte o que é que há.
 Vendo alguma coisa lá,
 Eu volto e venho dizer.
 Vocês não deixem de ter
 Muito grande precaução.
 Direi a meu pai então
 Que almoço, estou indisposta,
 Devido àquela resposta
 Que sofri de Sortibão.

Deixo de mencionar
 Caso pouco interessante:
 Torna-se muito maçante,
 Não convém o relatar,
 Tanto, o espaço não dá.
 Para tudo que passou-se,
 Contarei como tomou-se
 A ponte de meio a meio,
 Como Carlos Magno veio
 E como Floripes casou-se.

Na hora da refeição,
 Tudo ali se descuidou,
 Oliveiros enfrentou
 O almirante Balão.
 Esse, quando viu Roldão,
 Viu que a vida estava cara,
 A salvação era rara —
 Saltou duma das varandas,
 Chegaria em duas bandas,
 Se um turco não apara.

Veio um rei dos mais valentes
 A Roldão com a espada.
 Roldão, numa cutelada,
 O partiu até os dentes.
 Vieram mais dois parentes,
 Partiram na mesma hora.
 Roldão, ali, sem demora,
 Disse a um turco: — Conheça!
 Deu-lhe um golpe na cabeça,
 Tirou-lhe o pescoço fora.

Investiram os cavaleiros
 Às forças do almirante,
 Roldão, Ricarte adiante,
 Na retaguarda Oliveiros.
 Geraldo e os companheiros
 Matavam sem piedade.
 Os turcos, em quantidade,
 Partiram aos Pares de França —
 Já não restava esperança,
 Todo esforço era debalde!

Voltaram os cavaleiros,
 Da torre conta tomaram.
 Os turcos ali os cercaram,
 Julgando-os prisioneiros.
 Roldão, Ricarte, Oliveiros

Guy de Borgonha e Geraldo,
 Cada qual mais separado.
 Diziam aos companheiros:
 — Para doze cavaleiros,
 Não vemos exército armado!

Um dia, faltou comida
 Às damas e aos cavaleiros.
 Roldão disse a Oliveiros:
 — Perdi o amor da vida —
 Tem uma dama caída
 E outra já desmaiada!
 Lançarei mão da espada
 E sairei nesse instante —
 A tenda do almirante
 Hoje é por mim atacada!

E saíram os cavaleiros,
 Ficou na torre um somente.
 Então, seguiram na frente
 Tietre e Oliveiros.
 Vieram os turcos ligeiros,
 Já corriam muito adiante —
 Era um comboio distante
 Que vinha com manutenção,
 Vinha trazer alimento
 Ao povo do almirante.

Os Pares ali avançaram,
 Servindo-se das espadas.
 Doze azémolas carregadas
 Dos inimigos tomaram,
 Mais de mil turcos mataram
 Numa batalha medonha,
 Como não há quem suponha
 Que houvesse tal mortandade!
 Por uma casualidade,
 Prenderam Guy de Borgonha.

O almirante Balão
 Mandou que o algemassem,
 De manhã o enforcassem
 Perante a população.
 Traspassava o coração
 Ver Floripes tão formosa
 Aos pés dos Pares, chorosa,
 Dizer: — Roldão valoroso!
 Vai resgatar meu esposo
 Duma morte tão penosa!

Foram oito cavaleiros:
 Roldão foi na dianteira,
 Posim numa costaneira,
 Na retaguarda, Oliveiros.
 Com dezoito mil guerreiros,
 O preso vinha escoltado,
 Porém Roldão e Ricardo,
 Entre os maiores perigos,
 Tomaram-no dos inimigos,
 Antes de ser enforcado.

Os Pares nessa agonia,
 Já quase sem esperança,
 E Carlos Magno na França
 De nada disso sabia.
 Disse Oliveiros que ia
 A Carlos Magno avisar,
 Para vir auxiliar
 Naquele grande perigo.
 Disse o duque: — Meu amigo,
 Eu irei em seu lugar!

Ricarte, por derradeiro,
 Disse aos outros: — Vou sozinho!
 Se eu morrer, deixo um filhinho,
 Que há de ser bom cavaleiro.
 Se eu morrer, morre um guerreiro,
 Não tem o que admirar —
 Não morrendo, hei de chegar,
 O almirante se apronte!
 Disse Roldão: — Mas a ponte,
 Como tu hás de passar?

Disse Ricarte: — Parece
 Que, no horror mais profundo,
 Ao homem no meio do mundo,
 Deus em pessoa aparece.
 Sobe a Morte, a vida desce
 E ali não há quem vá.
 Fiquem descansados cá —
 Embora perigo encontre,
 Porém passo pela ponte,
 Ou fica o cadáver lá!

De madrugada saiu
 Em bom cavalo montado,
 De lança e espada armado,
 Dos outros se despediu.
 Um exército turco o viu

E tomou-lhe logo a frente,
 Mas o guerreiro valente
 Ali não teve receio
 E, do reforço que veio,
 Quase que não fica gente.

Antes da noite chegar,
 Desceu Ricarte a um baixio
 E viu, nas águas do rio,
 Um veadinho passar.
 Ele ali pôs-se a pensar
 Que o veado fosse alguém.
 Disse consigo: — Não tem,
 Sem ser Deus, quem tanto faça
 E, como um veado passa,
 Eu vou e passo também!

E ali se preparou,
 A Deus entregando a alma.
 Entrando com toda a calma,
 O rio ele atravessou.
 Galafre de fora olhou,
 Disse muito admirado:
 — Creio que aquele danado
 Não é francês e nem mouro
 Tem o diabo no couro,
 Ou é um ente encantado!

Ricarte então avançou.
 Quando muito tinha andado,
 Viu o cavalo suado,
 Numa sombra se apeou.
 O rei Clarião chegou
 E lhe disse: — Cavaleiro,
 Você está prisioneiro!
 Foi logo o ameaçando.
 Ricarte disse, se armando:
 — Havemos de ver primeiro!

E, metendo-lhe a espada
 Por sobre o ombro direito,
 Que lascou até ao peito,
 Com uma só cutelada
 A força estava arrasada,
 Ricarte pôde se armar
 E tratou de se montar
 No cavalo que o rei vinha,
 Que todos sinais bons tinha
 E corria sem cansar.

Vinte e três léguas tirou,
 Nessa jornada que ia,
 Quando foi no outro dia,
 A Carlos Magno chegou.
 Esse de alegre chorou,
 Pois estava em desesperos
 Pensando que os cavaleiros
 Que duma só vez perdeu,
 Quando Ricarte lhe deu
 Notícia dos companheiros.

Carlos Magno reuniu
 Os grandes de sua Corte,
 Para ver a sua sorte.
 O plano se decidiu,
 Ali logo o preveniu
 Que seguisse o batalhão.
 Tinha grande precisão
 De pela manhã partir —
 Precisava destruir
 O almirante Balão.

Disse Ricarte: — Convém
 De madrugada partir,
 Para amanhã ir dormir
 Perto de um ponto que tem,
 Onde não chega ninguém
 Que não seja devorado —
 Ele por ali é trancado
 O reino do almirante.
 O vigia é um gigante
 Que parece endiabrado!

Disse Carlos Magno: — Então
 Não achaste outro lugar,
 Onde se possa passar?
 Ricarte respondeu: — Não.
 O rio é como um vulcão,
 Reto como o horizonte,
 Está do lado oposto um monte
 Que forma uma serra —
 Só se pode ir à Turquia,
 Se for por aquela ponte.

Carlos Magno perguntou:
 — O que havemos de fazer,
 Para poder obter?
 Ricarte ali explicou,
 Disse: — Carlos Magno, eu vou

Com três ou quatro na frente.
 Iremos fingidamente.
 Se o gigante abrir a porta,
 A minha espada o corta
 E passará toda a gente.

Ricante foi e bateu,
 Chamando pelo gigante
 E esse, no mesmo instante,
 Armado lhe apareceu.
 Olhou, mas não conheceu,
 Perguntou-lhe o que queria.
 Disse Ricarte que ia
 Ao almirante Balão,
 Fazer-lhe uma transação
 Com as jóias que trazia.

— Pode entrar, mostre o que tem,
 Disse a Ricarte o gigante.
 O duque Rigner e Nante
 De lado entraram também.
 Disse Galafre: — Convém
 Sua capa ser tirada —
 Há de ser examinada
 A sua mercadoria!
 Ricarte ali, sem porfia,
 Botou a mão na espada.

O gigante ali ergueu
 O arco por sua parte,
 Deitando um golpe em Ricarte,
 Mas esse o corpo torceu,
 Tanto que o arco bateu
 Numa pedra e nela entrou.
 Carlos Magno aí chegou,
 Antes o portão abriu,
 O exército o investiu,
 A ponte então se tomou.

Depois da ponte invadida,
 Morto Galafre, o gigante
 Deram parte ao almirante
 Da desgraça sucedida.
 Praguejando a própria vida,
 Mandou a força atacar,
 E a torre derrubar,
 E matar os cavaleiros,
 Antes que seus companheiros
 Fossem aos Pares se juntar.

A ordem assim cumprida,
 A torre foi atacada —
 Não foi um turco à escada,
 Que lá não deixasse a vida.
 Parte da torre caída,
 Um oitão já como um facho,
 Mas pedras, tijolos e tacho —
 Tudo que as damas achavam —
 Sobre os turcos atiravam,
 Matavam os que estavam em baixo,

Os turcos iam subindo,
 Mas as damas, preparadas,
 Atiravam-lhes pedradas —
 Iam dez, doze caindo.
 Por mais que viesse vindo,
 Chegava ali e morria.
 Assim, ninguém resistia —
 Resolveram se afastar,
 Para não ver se acabar
 O exército da Turquia.

Ali disse ao almirante
 Um soldado que chegava
 Que Carlos Magno já estava
 Menos de légua distante.
 Disse a praça: — Nesse instante,
 Deixei a vila vencida,
 Cruelmente destruída,
 Pois os franceses onde vão,
 Só com a sombra da mão,
 Arrancam a alma e a vida.

Nisso saiu Sortibão
 Com dez mil homens armados.
 Ao chegar, foram atacados,
 Todo o esforço foi em vão.
 O almirante Balão
 Mandou o rei Argolante,
 Depois mandou mais Burlante,
 Mas nada se aproveitou —
 Carlos Magno atacou,
 Foi-se tudo num instante.

O almirante Balão,
 Como uma fera bravia,
 Quis mostrar a covardia
 Do imperador cristão.
 Rugindo como um leão,

Disse: — Ó velho imperador,
 Hoje estás quase senhor
 De minha força e poder —
 Vem comigo te bater,
 Ver quem será vencedor!

O sangue o campo tomava,
 Provocando piedade.
 Força em grande quantidade
 De toda a parte chegava.
 O almirante animava
 Aos turcos que resistissem,
 Com toda a força investissem,
 Mostrassem que eram guerreiros,
 Para que os cavaleiros
 Com os outros não se unissem.

Os cavaleiros cercados
 Viram outra força que vinha.
 Carlos Magno já tinha
 Perdido muitos soldados.
 Saíram dez bem armados,
 Entre os turcos se meteram —
 Parte dos turcos correram,
 Com a presença dos Pares
 Todos aqueles lugares
 De cadáveres se encheram.

O almirante Balão
 Desesperado investiu,
 Como uma fera partiu
 A um cavaleiro cristão.
 Com tanta disposição,
 Peito a peito o enfrentou,
 O cristão se desviou
 E se livrou da espada,
 Mas aquela cutelada
 O cavalo lhe matou.

Sem atender mais alguém,
 O cavaleiro em flagrante
 Investiu ao almirante,
 Matou o dele também.
 Com orgulhoso desdém,
 O rei turco conheceu.
 Um cristão se enfureceu
 E disse: — É o almirante! . . .
 E naquele mesmo instante,
 O cavalheiro o prendeu

O almirante Balão,
Vendo-se ali indefeso,
Foi obrigado a ir preso
Ao imperador cristão.
Esse, com bom coração,
Como amigo o recebeu;
Pedindo-lhe, esclareceu
Que aos ídolos não adorasse,
Disse que se batizasse,
Que entregava o que era seu.

Ali chegou Ferrabrás,
Aos seus pés se ajoelhou,
Banhado em pranto, rogou
Não adorar ídolos mais.
Dizendo: — É Satanás
Que o vive perseguindo —
Meu pai, que está se iludindo!
Quando o Eterno o chamar,
O senhor há de chorar,
O demônio entra sorrindo!

Se meu pai fosse cristão,
Como Carlos Magno é,
Se lutasse pela fé,
Tivesse religião,
Não indo contra a razão
Como um rei cristão não vai,
Pois da lei de Deus não sai,
Se em Deus tivesse esperança —
Nem dez mil Pares de França
Não venceriam meu pai!

Ó meu pai, o senhor tendo
Um grande exército valente —
E doze homens somente,
Resisti-lo, combatendo?
Galafre, um gigante horrendo
Que em guerra tinha arte?
Todo mundo viu Ricarte,
E ninguém pôde pegá-lo,
E atravessou a cavalo
O rio de parte a parte?

Por rogos de Ferrabrás,
O almirante Balão
Prometeu ser um cristão,
Porém depois não quis mais.
Era crença de seus pais,

Não quis deixá-la por nada —
Um murro de mão fechada
No arcebispo ele deu,
Nas pontas dos pés se ergueu,
Cuspiu na pia sagrada.

O filho inda quis salvá-lo,
Mas o pai era um horror,
Tanto que o imperador
Mandou no campo matá-lo.
Depois mandou sepultá-lo,
Com honras de soberano:
Ele era um ímpio profano,
Mas Deus que o castigasse,
Porém devia enterrar-se,
Porque também era humano.

Agora vamos tratar
Floripes como ficou,
Quando da torre avistou
Carlos Magno marchar,
Quando foi a visitar
E dar-lhe agradecimento,
Com grande contentamento —
Floripes o abraçou,
Carlos Magno marcou
O dia do casamento.

Carlos Magno mandou
Que o arcebispo aprontasse
Tudo quanto precisasse.
O arcebispo aprontou,
Floripes se batizou,
Como tinha projetado.
Ficou tudo descansado
De uma luta agonizante,
No reino do almirante,
Com todo o povo ao seu lado.

Ficou a Turquia em paz,
A guerra se concluiu.
Carlos Magno dividiu
O reino em partes iguais.
Deu metade a Ferrabrás,
Com toda a legalidade.
Ele, de boa vontade,
Com isso se conformou.
Guy de Borgonha ficou
Com a mesma quantidade.

Disse a Guy e a Ferrabrás:
 — Qualquer de vocês é dono —
 Fiquem regendo o trono,
 Não façam coisas demais,
 Façam governos léais.
 Hoje tenho de partir.
 Cuidou em se despedir,
 Levantou o estandarte —
 Via-se ali de parte a parte
 Gente gemer e cair.

E Floripes soluçando
 A Carlos Magno abraçou,
 Uma dama desmaiou
 E caiu-lhe aos pés, chorando.
 Carlos Magno as consolando,
 Porém de nada sabia,
 Porque todas da Turquia
 Botaram nos corações
 De Carlos Magno as ações,
 A todo o mundo prendia.

Que hora penalizada,
 Quando a bandeira se içou
 E a corneta tocou
 A marcha da retirada!
 A força, em marcha avançada,

Numa tristeza medonha.
 Como a esposa que sonha
 Que está doente, morrendo,
 Eram os soldados, dizendo
 Adeus a Guy de Borgonha!

Foi penosa a despedida
 Do imperador cristão.
 Guy de Borgonha e Roldão
 Soluçavam na partida.
 Floripes, triste e sentida,
 Abraçou os cavaleiros,
 Principalmente os primeiros
 Que à torre foram chegados.
 Soluçavam, abraçados,
 Ferrabrás e Oliveiros.

Guy de Borgonha chegou,
 Sem a mínima expressão,
 Quando seu primo Roldão
 Banhado em pranto abraçou.
 Quis falar mas não falou
 Com o duque de Nemé,
 Geraldo de Mondefé
 E Tietre de Dardanha —
 Teve tristeza tamanha,
 Que ficou suspenso em pé!

Composto por:

Programa Produções Gráficas Ltda.
 C.G.C. 47.398.110/0001-17
 Rua Domingos de Moraes, 1757, cj. 8
 SÃO PAULO

Imprimiu:

Centrais Imppressoras Brasileiras Ltda.
 C.G.C. 61.925.608/0001-11
 Estrada de Vila Ema, 722
 SÃO PAULO

COLEÇÃO LUZEIRO

LITERATURA DE CORDEL

Astúcia de Camões
Aventuras de João Desmantelado
Batalha de Oliveiros com Ferrabrás
Bicho de Sete Cabeças
Boi Misterioso
Bom Pai e o Mau Filho
Briga de Dois Matulos por Causa de um Jumento
Briga de São Pedro com Jesus por Causa do Inverno
Capitão do Navio
Cabras de Lampião
Cachorro dos Mortos
Cangaceiro Isafas
Carta de Satanás a Roberto Carlos
Chegada de Lampião no Céu
Chegada de Lampião ao Inferno
Chegada de Lampião no Purgatório
Cidre e Helena
Coco Verde e Melancia
Comprador de Barulho
Conselhos do Destino
Contador de Mentiras
Coragem de Juquinha pelo Amor de Ivonete
Coragem de um Vaqueiro em Defesa do Amor
Debate de Camões com um Sábio
Disputa de Bogaço com um Padre
Dois Amigos Leais
Donzela Teodora
Encontro de Cancão de Fogo com Pedro Malazarte
Encontro de Lampião com Adão no Paraíso
Encontro de Lampião com Dioguinho
Encontro de Lampião com Saturnino no Inferno
Enc. do Pres. Tancredo com o Pres. Getúlio Vargas no Céu
Escrava do Destino
Fera de Petrolina
Ferreiro das Três Idades
Festa da Bicharada
Filho de Evangelista do Pavão Misterioso
Filho do Herói João de Calais
Filho de Juvenal e a Serpente de Fogo
Getúlio Vargas, Vida, Tragédia e Morte do Presidente
Gigante Quebra-Ossos e o Castelo Mal Assombrado
Grande Combate de Neve Branca com João Cabeleira
Helena, a Virgem dos Sonhos
Herói João Canguçu
História do Boi Leitão
Horácio e Eneida
Intriga do Cachorro com o Gato
João Acaba Mundo
João da Cruz
João de Calais
João Soldado
João Terrível e o Dragão Vermelho
João Valente e a Montanha Maldita
Jogador na Igreja
Josafá e Marieta
José de Souza Leão
Juvenal e o Dragão
Lagoa Misteriosa e o Cavalo Encantado
Lágrimas de Amor, ou A Vingança de um Condenado
Lampião e Maria Bonita no Paraíso
Lampião, o Rei do Cangaço
Lobisomem Encantado
Louca do Jardim

Lula de Zé do Caixaão com o Diabo
Manassés e Marili
Maria Bonita, a Mulher-Cangaço
Martim Tomba-Serra e o Gigante do Deserto
Martírios de Uma Mãe
Menino das Abelhas
Mistérios da Princesa dos Sete Palácios de Metais
Monstro sem Alma
Morte, Testamento e Entero de João Grilo
Mulher que Enganou o Diabo
Mulher que se Casou 18 Vezes
Mulher Roubada
Negrao do Paraná
Nequinho e Jandira
Novas Proezas de Bogaço
Olhos de Dois Amantes por Cima da Sepultura
Padre Cétero, o Santo do Juazeiro
Pai que Forçou a Filha Sexta-Feira da Paixão
Papagaio Misterioso
Pavão Misterioso
Pedrinho e Julinha
Peleja de Severino Borges com Patativa do Norte
Peleja de João Atafide com Felado do Sul
Peleja de Manoel Riachão com o Diabo
Peleja de Zé Pretinho com Manoel Riachão
Peleja do Cego Aderaldo com Zé Pretinho do Tucum
Piadas do Bogaço
Pistoleiro Invenível
Prantos de Caçilda e a Vingança de Raul
Tancredo, Esperança que Não Morre
Princesa da Pedra Fina
Princesa do Reino do Mar-sem-Fim
Princesa Rosamunda
Princesa Rosinha na Cova dos Ladrões
Príncipe Formoso
Príncipe João-sem-Medo
Proezas de João Grilo
Promessa da Vingança
Quatro Sábios do Reino
Quengo de Pedro Malazarte no Fazendeiro
Rosinha e Sebastião
Rulino, o Rei do Barulho
Segunda Vida de Cancão de Fogo
Solrimentos de Aizira
Solrimentos de Célia
Sorte do Amor
Touro Preto que Engoliu o Fazendeiro
Traição de Dalila e a Força de Sansão
Três Cavalos Encantados e os Três Irmãos Camponeses
Três Conselhos da Sorte
Triste Sorte de Jovelina
Tubiba, o Desordeiro
Vaca Misteriosa
Valdemar e Irene
Valente Zé Garcia
Vaqueiro Damião
Vicente, o Rei dos Ladrões
Vida e Testamento de Cancão de Fogo
Vida, Vingança e Morte de Corisco
Vitória de Floriano e a Negra Feliceira
Volta de Lampião ao Inferno
Zé Bico Doce
Zezinho e Mariquinha

PEDIDOS PELO REEMBOLSO POSTAL
EDITORA LUZEIRO LTDA.
Rua Almirante Barroso, 730
São Paulo – CEP 03025